

DIFICULDADES ENFRENTADAS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES DURANTE A SEPARAÇÃO DOS PAIS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Cleide Neves Guarda¹

Alexandre Castelo Branco Herênio²

Ariana Lúcia Alves Carvalho³

RESUMO: Este estudo teve por objetivo explorar os impactos causados pelo processo de separação dos pais na vida das crianças. Portanto, pretende-se integrar as informações da literatura confrontando e correlacionando conceitos e visões de autores sobre o termo família; sociedade tradicional e sociedade moderna na visão do casamento; modelos estruturais de família e a importância do vínculo familiar para o desenvolvimento da criança, assim como, salientar as reações comportamentais e emocionais mais comuns presentes em filhos de casais que se encontram em separação ou já divorciados. Compreender as consequências dessa ruptura familiar na formação psicológica e emocional é essencial para o desenvolvimento e a educação dos filhos, uma vez que literatura sustente diversas argumentações em que é possível desmistificar estereótipos de crianças “eternamente infelizes” e que o divórcio seja algo “insuperável” por parte destes. Concluímos que os reflexos do divórcio implícitos na sociedade tende a divergir opiniões em que mesmo diante de uma difícil decisão de separação o divórcio também pode ser uma decisão assertiva, capaz de resguardar os filhos das disfunções familiares, dando-lhes a oportunidade de seguir o seu caminho sem consequências permanentes. Por outro lado, a literatura também reforça que o divórcio, contexto a qual a criança está inserida, permeia-se de dores e angústias muitas vezes causadas pelo comportamento de seus genitores/cuidadores que dificultam o processo de adaptação.

Palavras-chave: Casamento; Divórcio; Família; Desenvolvimento Infantil; Impactos Emocionais e Psicológicos.

ABSTRACT: This study aims to explore the impacts caused by the process of separation from parents on children's lives. Therefore, it is intended to integrate information from the literature by confronting and correlating authors' concepts and views on the term family; traditional society and modern society in the view of marriage; structural family models and the importance of the family bond for the child's development, as well as highlighting the most common behavioral and emotional reactions present in children of couples who are separated or already

¹ Psicóloga, Pedagoga, Pós-graduada em Métodos e Técnicas de Ensino. Docente no Centro Universitário Alfredo Nasser (Unifan). Contato: cleideneves@hotmail.com

² Psicólogo, Mestre (PUC-GOÍÁS) e Doutorando em Psicologia (UNB), professor do Centro Universitário Alfredo Nasser (Unifan). Contato: alexandrecastelo@unifan.edu.br

³ Psicóloga, Mestranda em Psicologia (Unifan), professora do Centro Universitário Alfredo Nasser (Unifan). Contato: arianacarvalho@unifan.edu.br

divorced. Understanding the consequences of this family breakdown on psychological and emotional formation is essential for the development and education of children, since literature supports several arguments in which it is possible to demystify stereotypes of "eternally unhappy" children and that divorce is something "insurmountable" on their part. Nevertheless, the consequences of divorce implicit in society tend to diverge opinions in which, even in the face of a difficult separation decision, divorce can also be an assertive decision, capable of protecting children from family dysfunctions, giving them the opportunity to follow the your way without permanent consequences. On the other hand, the literature also reinforces that divorce, the context in which the child is inserted, is permeated with pain and anguish often caused by the behavior of their parents/caregivers that make the adaptation process difficult. Within this perspective, the objective of this study is to collect information through research that can trace the profile of this child, passive and active victim, of this situation; analyze and reflect on impacting changes, proposing actions to improve quality of life and emotional support, aiming at full and healthy development within this new reality.

Keywords: Marriage; Divorce; Family; Child development; Emotional and Psychological Impacts.

1. INTRODUÇÃO

Estudos feitos por Maluf (2010) apontam que o termo “família”, na contemporaneidade, tem sido bastante explorado dado às mudanças refletivas na sociedade moderna, no que diz respeito aos padrões familiares, pois é o lugar ao qual o homem está inserido desde o seu nascimento e é por meio dele que desenvolve sua personalidade e caráter. No entanto, a amplitude dos estudos acerca da família devem ser aprofundados e observados desde suas raízes, ao classificar a sociedade tradicional da sociedade moderna na perspectiva do casamento, uma vez que na sociedade tradicional o casamento está intimamente ligado a questões bíblicas e religiosas, sendo instituído pela igreja considerado um sacramento.

Uma das características da sociedade tradicional desde a idade Média é o casal e o relacionamento sendo selados pelos olhos de Deus até que a morte os separasse. “Permitia-se somente sexo com intuito de procriação, a sexualidade não devia ser incentivada ou desenvolvida. A constituição de uma unidade familiar abençoada por Deus devia ser preservada” (COSTA, 2007 *apud* CARVALHO; PAIVA, 2010, p. 225).

Na sociedade moderna uma nova maneira de estabelecer relações

amorosas surge, visto que os relacionamentos duradouros não são mais vistos como metas ou desejo por parte dos indivíduos. Aqui, existe um processo de individualização em que os relacionamentos são solúveis e quanto mais desapego, melhor. “Desse modo, pode-se dizer que um relacionamento moderno tem sua duração incerta, vinculada ao quanto às partes estejam plenamente satisfeitas” (BAUMAN, 2004, *apud* CARVALHO; PAIVA, 2010, p. 224).

O autor citado acima descreve características acentuadas sobre as relações na sociedade moderna, em que o mundo está em busca de relações descartáveis e as pessoas conseguem não se apegar e saem da relação de forma fácil, sendo estas pessoas, enaltecidas. Para ele, as pessoas não desejam arcar com suas responsabilidades e lidar com as pressões de ter que fazer o parceiro feliz. “[...] a sociedade moderna mascara o real desejo do ser humano social, que é o de se relacionar” (BAUMAN, 2004, *apud* CARVALHO; PAIVA, 2010, p. 224).

Ao olhar a história da humanidade e as fragmentações do casamento, o homem e a mulher, o papel que cada um exercia e as constantes transformações até a concretização do divórcio, são possíveis diversos questionamentos que conduzem a análise aqui proposta. Em qual momento na sociedade tradicional e moderna a criança passa a ser vista como figura central e importante? Como estas crianças lidavam com suas emoções dentro do âmbito de um casamento com características limitantes ou até mesmo opressoras? Quais eram as dificuldades emocionais e psicológicas que esta criança sentia? A criança da sociedade tradicional é diferente da criança da sociedade moderna frente à separação dos pais?

De acordo com Ariès (1978, *apud*, CARVALHO; PAIVA, 2010) na história da família ocorreram mudanças importantes de uma vida pública para uma vida mais privada. O leito nupcial que foi inicialmente dividido com convidados e com a sociedade, como forma de transparência na fusão das famílias, agora adota novos hábitos de distanciamento. Embora a mulher tradicional mantenha-se em silêncio e focada nas obrigações do lar e na criação dos filhos, o homem foca nos negócios e no sustento de sua família, porém a figura da criança só é vista como complemento da unidade familiar a partir do século XVI. Para fortalecer este acontecimento Gomes (1998, *apud* CARVALHO; PAIVA, 2010, p. 225) afirma que “[...] a criança passa a assumir um papel mais centralizado na família

e a infância possui maior importância e respeito (antes as crianças eram consideradas semelhantes aos adultos)”.

De acordo com Oliveira (2014) a ideia do divórcio veio mais tarde, pois era repelida na sociedade tradicional, assim como o adultério. O objetivo era a blindagem do casamento e a proteção da família. A maioria dos casamentos eram “arranjados” para evitar guerras e muitas vezes, um jogo de interesses sociais ocorriam entre pessoas de um mesmo grupo, comunidade e até da mesma família. O autor afirma que no Brasil o divórcio começou a ser discutido por volta de 1975 com a possibilidade de excluir o casamento, mas não o vínculo matrimonial, ou seja, a separação ocorria, mas não poderia se casar novamente. Oliveira (2014) enfatiza que somente em 1977, com a aprovação da emenda nº 9 o Brasil acolheu o divórcio permitindo o rompimento conjugal e o vínculo matrimonial, dando a liberdade de que os indivíduos pudessem seguir suas vidas.

Com os movimentos feministas a mulher passou a questionar a posição de submissão que lhe fora imposta na sociedade tradicional por longos anos e agora, a mulher passa a ser independente, ingressa no mercado de trabalho e não atua apenas como mãe e esposa. Ela decide se terá filhos e foca em suas conquistas pessoais e todas estas mudanças se tornam motivos para o rompimento da estrutura familiar, arremata Carvalho e Paiva (2010).

Parece urgente a necessidade de aprofundamento na história da família e seu rompimento, pois pode revelar um horizonte de possibilidades para conhecer o mundo ao qual esta criança está inserida. Maluf (2010) explica que as transformações no termo família seriam inerentes aos interesses da sociedade, portanto, a família vem sendo pautada no afeto buscando o aprimoramento e a realização pessoal, a felicidade dos componentes e não necessariamente seja esta, representada pela família tradicional formada pelo casamento.

Maluf (2010) avalia a evolução histórica familiar e a introdução de novos costumes e valores destacando como parte das novas modalidades de família a união estável, o concubinato, a monoparentalidade, a homoafetividade e demais estados intersexuais.

Para Minuchin, Colapinto e Minuchin (1999, *apud* SILVA *et al.*,2008) a

família é preponderante na na vida da criança, assim como para Coatsworth, Patin e Szapocnik (2002), é também o mais poderoso sistema de socialização saudável para seu desenvolvimento. Silva *et al.* (2008) e Pereira-Silva e Dessen (2003) asseveram que o microssistema família é o que traz implicações mais significativas para o desenvolvimento infantil, embora haja outros sistemas sociais que contribuam para sua formação, como é o caso da escola/ creche, igreja, círculo social e etc.

Sigolo (2004, *apud* SILVA *et al.*, 2008) conceitua família como “espaço de socialização infantil” pois atua como mediadora entre a criança e a sociedade. O termo família parece caminhar para a compreensão estrutural de um ambiente acolhedor onde é possível amadurecer, crescer e compreender suas emoções, desenvolver habilidades físicas e emocionais, independente dos gêneros e da composição que cerca a relação. Assim, “[...] o ambiente familiar é visto como poderoso agente primário de socialização, que influencia não só a formação da personalidade, como também as motivações, além de ser responsável em transmitir valores, crenças e normas de uma cultura” (SILVA *et al.*, 2008, p. 222).

O desenvolvimento psicológico dos filhos diante do rompimento dessa estrutura, uma separação ou divórcio formal, afeta e reflete diretamente na figura frágil, a criança e o adolescente. A fragilidade aqui mencionada aplica-se ao grau de maturidade dos filhos para absorção e compreensão do momento que está sendo vivido. Ao sofrerem, mostram reflexos no seu desenvolvimento e enfrentam dificuldades na aprendizagem escolar e no convívio social familiar, por exemplo. Mesmo que a separação ocorra de forma amigável e consensual entre o casal, há a possibilidade da criança e o adolescente seja afligida, atemorizada por angústias, medos e incertezas. Tem-se que

Muitas vezes, as crianças e adolescentes envolvidos nos processos de rompimento dos vínculos conjugais de seus pais, são colocados em situações conflituosas nas quais são marcados por um rastro de rancor e vingança, onde os pais procuram a Justiça fazendo com que as crianças e adolescentes que encontram-se inseridas nesses conflitos se tornem os instrumentos de agressividade utilizados na esfera judicial (NETO *et al.*, 2015, p. 7).

Pode-se mencionar diversos fatores de risco para o desenvolvimento infantil mediante seu modelo familiar e sua história de vida, como exemplo, o uso de drogas; transtorno de conduta; gravidez na adolescência; ansiedade;

depressão; consumo de bebidas alcoólicas; baixo nível educacional; doenças psiquiátricas; falta de concentração; insegurança; agressividade. Assim

A separação dos pais é muitas vezes a primeira grande mudança na vida da criança. Esse evento perturbador altera drasticamente o futuro familiar, causando uma perda de entendimento devido à ruptura das rotinas normais e à ausência do contacto diário com ambos os pais (EYMANN *et al.*, 2009, *apud* MARTINS, 2010, p. 12).

Martins (2010) retrata em seus estudos a multiplicidade de estruturas familiares e a frequência em que divórcios acontecem. Para a autora, o processo de separação ou divórcio pode desencadear nos membros familiares ou em parte deles, dificuldades para adaptar-se a nova forma de vida, uma vez que, “sendo a ruptura familiar nem sempre bem aceita pelas crianças, pode gerar algum desajustamento psicológico e emocional nas mesmas” (MARTINS, 2010, p. 10). Desta forma, é relevante analisar os efeitos do divórcio sobre os filhos em perspectiva positiva e negativa, levando em consideração que Martins (2010) aponta que já existem estudos que pretendem desmistificar os efeitos negativos do divórcio sobre as crianças.

Embora existam diversos estudos sobre os efeitos do divórcio adjetivados como algo negativo na vida dos filhos e do casal, percebe-se que há poucos estudos qualificados que abordam pontos positivos, porém eles existem partindo da premissa de que em alguns casos estudados, os filhos vieram a apresentar alívio e mais desenvoltura para expor seus medos e ideias, com maturidade. “Também a crença de que o divórcio é uma catástrofe, sempre mau para as crianças foi contestada neste estudo porque muitos pais e crianças relataram um alívio de conflitos, alegria renovada e novas oportunidades” (MARTINS, 2010, p. 28).

Para Raposo *et al.* (2011) o divórcio se caracteriza como fator de estresse para as famílias porque implica uma série de mudanças e ajustamentos na vida de pais e filhos aumentando a probabilidade de um mal-estar psicológico, em vários níveis.

Nessa perspectiva, Neto *et al.* (2015) reforça e aprofunda a temática proposta neste projeto de que conflitos entre o casal ou ex - casal onde os filhos se envolvem de forma passiva ou ativa nos desentendimentos familiares, tende a prejudicá-los, pois exerce uma dependência mútua e limitação de autonomia

dos pais sobre os filhos, além de atingi-los em seu desenvolvimento. Assim,

Nesse sentido, a relação familiar torna-se conflituosa prejudicando as relações entre pais e filhos, prejudicando na maioria das vezes a parte mais fraca da relação que são os filhos, devido à existência da troca de força entre pai e mãe, que muitas vezes usam os filhos para tentar manipular a situação conflituosa (NETO *et al.*, 2015, p. 8).

Por conseguinte, a ideia de manter um casamento por causa dos filhos é criticada pelos autores citados acima, pois as brigas se tornam habituais, algo pior que o processo de separação para os filhos. Eles defendem que os filhos devem ser pensados como seres únicos e que suas necessidades mentais devem ser respeitadas e atendidas. Outra ocorrência comum e que tem sido elemento bastante estudado no processo de divórcio é a Alienação Parental, compreendida por Richard Gardner nos anos 80 como o rompimento de vínculos afetivos da criança com o genitor, um abuso emocional que também pode ocorrer com outros membros familiares, pois “a criança se alia fortemente a um dos pais e rejeita o relacionamento com o outro genitor sem justificativa adequada” (NETO *et al.*, 2015, p. 96).

No campo da psicologia observa-se que a Alienação Parental é capaz de tornar os filhos mais suscetíveis à fragilidade emocional ao se depararem com uma de suas referências familiares desestruturadas.

Gera ansiedade, tristeza e raiva. O rompimento dos vínculos afetivos pode produzir prejuízos que se perpetuarão pela vida de pais e filhos. Um verdadeiro abuso emocional, que às vezes pode ter algum resgate na maturidade, sem, porém, o aproveitamento do tempo perdido (NETO *et al.*, 2015, p. 96).

Diante do cenário exposto, evidencia-se a relevância do aprofundamento na temática com olhar voltado para crianças e adolescentes sem isolar o fato de que muitas delas estão inseridas numa estrutura familiar não tradicional e que é importante que esta dinâmica seja abordada e respeitada como parte do processo.

2. METODOLOGIA

Para atingir o objetivo deste estudo, o de compreender os impactos negativos e positivos gerados na vida de uma criança durante a separação dos seus pais, assim como, as consequências na formação emocional e desenvolvimento escolar, adotou-se como método a pesquisa bibliográfica de referencial mais atualizado, precisamente, a partir dos anos 2000. Essa metodologia, a pesquisa bibliográfica está inserida principalmente no meio acadêmico e tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas”, (SOUSA *et al*, 2021, p. 64).

Para os autores citados, o método de pesquisa bibliográfica é primordial na construção da pesquisa científica permitindo conhecer melhor o fenômeno em estudo, podendo usar como instrumentos livros, artigos científicos, teses, dissertações, anuários, revistas, leis e outros tipos de fontes escritas que já foram publicados. Os trabalhos utilizados encontram-se sistematizados no Quadro 1:

Quadro 1: Sistematização dos textos selecionados para a revisão bibliográfica

Títulos	Autores	Objetivo do Estudo	Ano
Debates entre pais e mães divorciados: um trabalho com grupos	BRITO Leila Maria Torraca de; CARDOSO, Andréia Ribeiro; OLIVEIRA, Juliane Dominoni Gomes de.	Avaliar dificuldades quanto ao exercício da parentalidade após a separação conjugal bem como a possibilidade do uso de grupos de reflexão em tais situações.	2010
O olhar de três gerações de mulheres a respeito do casamento.	CARVALHO, Fernanda Cristina Gomes de; PAIVA, Maria Lucia de Souza Campos.	Investigar o olhar de três gerações de mulheres a respeito do casamento e suas respectivas facetas e entender como as mulheres vivenciam e percebem os relacionamentos amorosos.	2009
Novas modalidades de família na pós-modernidade.	MALUF, Adriana Caldas do Rego Freitas Dabus.	Descrever novas modalidades de família e reconhecer seus direitos na pós-modernidade	2010

Impacto do divórcio parental no comportamento dos filhos. Factores que contribuem para uma melhor adaptação. Implicações Médico-legais.	MARTINS, Ana Isabel Rodrigues.	Analisar a vivência do processo de divórcio parental na perspectiva dos filhos, procurando perceber as repercussões em termos pessoais, desenvolvimentais, escolares e legais que a vivência deste acontecimento acarreta.	2010
Alienação parental e família contemporânea: um estudo psicossocial.	NETO, Álvaro de Oliveira; QUEIROZ, Maria Emília Miranda de; CALÇADA, Andreia	Unir diversos especialistas na área, para analisar um tema que ainda carece de visibilidade em nosso país, principalmente em produções literárias. A importância de conscientizar a população sobre o que é a	2015
		Alienação Parental, quais os seus efeitos, providências e consequências que o alienante poderá sofrer, a fim de evitar o desenvolvimento de situações agravantes.	
O divórcio	OLIVEIRA, Fábio Seabra.	Reflexão sobre o divórcio	2014
Ajustamento da Criança à separação ou divórcio dos pais.	RAPOSO, Hélder Silva; FIGUEIREDO, Barbara Fernandes de Carvalho; LAMELA, Diogo Jorge Pereira do Vale; NUNES-COSTA, Rui Alexandre; CASTRO, Maria Conceição; PREGO, Joana.	Relacionar e analisar evidências empíricas e teóricas sobre o impacto e os fatores associados ao impacto da separação ou divórcio dos pais no ajustamento da criança.	2011
Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil.	SILVA, Nancy Capretz Batista da; NUNES, Célia Cristina; BETTI, Michelle Cristine Mazzeto; RIOS, Karyne de Souza Augusto.	Discutir o impacto de variáveis da família sobre o desenvolvimento infantil, especificamente fatores de risco e de proteção, abrangendo também desenvolvimento escolar.	2008
A Pesquisa Bibliográfica: Princípios e Fundamentos	SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário	Analisar e descrever os princípios e fundamentos que caracterizam o desenvolvimento de uma Pesquisa Bibliográfica.	2021

Após a realização da pesquisa bibliográfica com temas relacionados ao

objeto de estudo, os mesmos foram avaliados através de uma leitura exploratória que seguiu-se por uma ordem de escolha referente à importância do tema na contribuição deste artigo. Essa etapa consiste “ em uma rápida leitura para selecionar as obras relacionadas ao estudo do problema da pesquisa”, (SOUSA *et al.*, 2011, p. 73).

Por conseguinte, foi possível organizar ideias e esquematizar a estrutura dos tópicos buscando identificar as particularidades expostas por cada autor no contexto familiar, estilos de vida, características socioeconômicas, fatores comuns e complexos observados por eles. Após esse:

A leitura crítica e com cuidado possibilita o pesquisador selecionar investigação de soluções e compreensão, na exploração do material bibliográfico no intuito de justificar ou afirmar os dados do material estudado e a análise reflexão das obras consultadas, (SOUSA *et al.*, 2011, p.73).

O material bibliográfico foi obtido através de bases de dados eletrônicos como Google Acadêmico e Scielo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com objetivo de apresentar os resultados coletados e discuti-los foram observados nos artigos de maior representatividade sobre o tema, os seguintes elementos: Impactos Comportamentais e Emocionais, Desenvolvimento Escolar, Convívio com o Genitor durante e após a separação e a Necessidade de Intervenção de um profissional de Saúde. Partindo da observação destes elementos ligados à criança e ao adolescente, foram feitos, durante a análise documental do material bibliográfico, o recorte de fragmentos textuais que apresentam argumentações dos autores, positivamente e/ou negativamente sobre os impactos/manifestações presentes.

3.1. Impactos Comportamentais e Emocionais.

Para Raposo *et al.*, (2011) o divórcio dos pais se associa a questões transitórias de ajustamento nas crianças que tendem a ter prejuízos em seu desenvolvimento se comparadas às crianças com pais casados, ou seja, sem rompimento conjugal. Portanto, estes autores alegam que os prejuízos à criança

não vem necessariamente da ruptura de sua estrutura familiar, mas, sim, dos conflitos que a acompanham. Observou-se que a maneira que os pais conduzem a relação com seus filhos pós-divórcio é preponderante para melhor adaptação ou piora, nesta nova realidade. Assim,

A resiliência deve igualmente ser pensada, uma vez que, efetivamente, a grande maioria das crianças que vivenciam o divórcio dos pais apresenta um bom ajustamento e não demonstra vários ou permanentes problemas emocionais ou comportamentais, (RAPOSO *et al.*, 2011, p. 32).

Em contrapartida, filhos de pais que não divorciaram vivenciam o oposto apesar de problemas similares aos filhos de pais separados. “[...] as crianças que crescem com pais casados têm menos probabilidade de experienciar uma grande variedade de problemas cognitivos, emocionais e sociais, não somente durante a infância, mas também na idade adulta. De acordo com Raposo *et al.*, (2011, p. 29)

[...] as crianças que crescem em famílias estáveis, com ambos os pais, apresentam níveis mais elevados de qualidade de vida, beneficiam-se de maiores níveis de efetividade parental, coparentalidade, proximidade emocional com ambos os pais e estão sujeitas a menos acontecimentos e situações estressantes.

Ainda segundo os autores:

O conflito interparental – manifestado pela raiva, hostilidade, desconfiança, linguagem agressiva, agressão física, dificuldades de cooperação nos cuidados e comunicação com os filhos etc.– cria um ambiente familiar estressante, suscitando reações de estresse, tristeza e insegurança na criança. Esse ambiente não é propício ao desenvolvimento adequado da criança e tem um impacto negativo no seu ajustamento psicológico (RAPOSO *et al.*, 2011, p. 31).

Portanto, a separação é um estressor que desorganiza as práticas parentais e reduz a segurança econômica da família que está associada aos fatores de vulnerabilidade e contribui para desregulação e insegurança emocional das crianças, pois “esta instabilidade emocional é o resultado de oscilações no desenvolvimento afetivo, comportamental e cognitivo” (MARTINS, 2010, p. 16). Este autor também explica que, “[...] os problemas de saúde física são reflexos das transformações desenvolvimentais às que a criança tem de dar resposta perante a mudança familiar” (MARTINS, 2010,

p.16).

Para Martins (2010) a maioria das crianças que enfrentam problemas emocionais e de comportamento apresenta raiva, ressentimento, exigência, ansiedade, depressão, dificuldades de lidar com distintos fatores decorrentes das mudanças em sua família e rotina, algo que deveria receber intervenção de profissionais da saúde.

Silva *et al.*, (2008) destacaram de forma breve os fatores de risco para o desenvolvimento infantil, que por vez, estão ligados a questões comportamentais e emocionais, sendo estes: a história de desenvolvimento dos pais e de sua personalidade, suas habilidades, o abuso de álcool e drogas, gravidez na adolescência, depressão parental, baixo nível educacional, estresse, monoparentalidade, atividade criminal, doenças psiquiátricas, falta de apoio social, condições inadequadas de habitação, saúde, educação, alimentação, idade da criança, temperamento, déficits ou dificuldades neurofisiológicas, transtorno de conduta dentre outros.

Para Neto *et al.*, (2015) a alienação parental que usa criança como instrumento para brigas pelo inconformismo e a insatisfação de um dos genitores, faz com que a criança tenha seus interesses ignorados, sofra retaliações e muitas vezes sente-se sufocada pelo sentimento de posse e/ou disputa de quem lhes oferta melhor educação. Este “jogo de interesses” entre os ex-cônjuges prejudica a todos e, principalmente, à criança que tem forçadamente a desconstrução da imagem materna e/ou paterna por quem deveria lhe nutrir e acolher. Os autores afirmam que:

Alguns outros efeitos comuns que podem ser provocados na criança poderão variar de acordo com a idade, a personalidade e o tipo de vínculo que possuía com os pais antes da separação, cujos problemas podem ser: ansiedade, medo e insegurança, isolamento, depressão, comportamento hostil, falta de organização, dificuldades na escola, dupla personalidade, entre outros, (NETO *et al.*, 2015, p. 11).

Portanto, Neto *et al.*, (2015) explica que a Alienação Parental, seja na criança ou adolescente, é considerada como comportamento abusivo, assim como ameaças e constrangimentos, pois priva o indivíduo de ter uma vida afetiva integrada com familiares e amigos. Na esfera judicial a Alienação Parental é considerada abuso emocional e objetiva coibir esta prática nas

medidas legais vão da determinação de tratamento psicológico, psicoterapia familiar e até mesmo reversão da guarda para o genitor alienado.

3.2. Desenvolvimento Escolar

Brito *et al.*, (2010), em um debate entre um grupo de pais e mães divorciadas, relatou que muitos homens reclamaram quanto a dificuldade em participar das atividades escolares, eventos, festas e reuniões na instituição onde o filho estudava, pois em alguns casos, a escola seguia as regras solicitadas pelas mães para não oferecer informações sobre os filhos. Alguns pais relataram que ao se dirigir a escola dos filhos, nem sequer na ficha do aluno, constava os dados do pai biológico. Diante desta situação, cabe aos pais refletir e analisar como este comportamento reflete no desenvolvimento e rendimento escolar dos filhos, além da carga emocional que lhes é acarretada.

Martins (2010), em seu estudo, apontou que na escola existe um elevado número de sujeitos que evidenciam diminuição do rendimento escolar após a separação dos pais. Para ele

Pré-adolescentes de famílias divorciadas, comparadas com pré-adolescentes de famílias intactas, mostram aumento dos níveis de agressão, transtornos de conduta, desrespeito, desobediência e diminuição da auto-regulação e responsabilidade social, assim como a conduta inapropriada em sala de aula e desempenho escolar (MARTINS, 2010, p. 18).

Nunes-Costa *et al.*, (2009, *apud* Martins, 2010) explica que os piores resultados escolares surgem devido à falta de envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos e ressalta:

[...] vários estudos têm mostrado evidências que as crianças de pais separados revelam diminuição da motivação e rendimento escolar comparativamente a crianças de famílias intactas. Mais concretamente, seriam menos capazes de terminar tarefas escolares, teriam maiores dificuldades em concentrar-se nas tarefas complexas, piores resultados acadêmicos nalgumas disciplinas, e apresentam menor responsabilidade (NUNES-COSTA *et al.*, 2009 *apud* MARTINS, 2010, p. 35).

Neto *et al.*, (2015) explica que toda criança tem o direito de que ambos os genitores acompanhem sua educação, seja em relação a frequência, rendimento escolar, e execução da proposta pedagógica da escola que frequentam.

3.3. Convívio com o genitor

Observou-se que as crianças/ adolescentes em decorrência do relacionamento conflituoso entre seus pais acabam por sofrer retaliações, além de distanciamento no vínculo entre um de seus genitores, pois os ex-cônjuges motivados por mágoas, revolta e sentimento de raiva transmitem suas emoções aos filhos. Trechos abaixo mostram como os filhos e os pais se sentem e se comportam nesta relação.

O recasamento do pai pode vir a reduzir o convívio com os filhos biológicos de casamentos anteriores, reafirmando a idéia de que essa teia complexa de relacionamentos está a expandir-se, cada vez mais, e que a paternidade biológica diminui (no caso da separação) em detrimento da paternidade social, isto é, possibilitando que a criança crie laços afectivos com outras figuras masculinas (o namorado ou novo marido da mãe, algum parente próximo que exerça a função paterna), (FURSTENBERG; NORD, 1985, *apud* MARTINS, 2010, p. 34).

[...] a grande maioria dos filhos de pais divorciados, desde os anos imediatamente após tal evento, evidenciam —anormalidade no seu desenvolvimento, porque quando há uma separação ou divórcio, as crianças e o exercício das funções da paternidade fica abalado, mas também em muitos casos, as crianças e os pais conseguem sair de uma convivência infeliz e por vezes mesmo em situações com um final mais ou menos trágico. [...] Frequentemente, as mudanças resultantes da separação levam a que algumas tenham que assumir uma série de responsabilidades dentro do agregado familiar, por exemplo, como cuidadores dos irmãos mais novos, ou mesmo proteger os pais emocionalmente carentes, (MARTINS, 2010, p. 27).

Nos primeiros encontros dos grupos, os participantes demonstraram grande necessidade de relatar o difícil relacionamento que mantinham com o ex-cônjuge, seus descontentamentos e frustrações e o quanto essas dificuldades acabavam relacionadas ao exercício da maternidade e da paternidade. Sobressaía, em seus discursos, a expressão das relações conflituosas entre o ex-casal. Tanto os que permaneceram com a guarda dos filhos como aqueles que não a possuíam compreendiam que essas situações traziam uma série de perturbações às suas vidas, considerando que a raiva e a mágoa relativas ao cônjuge acabavam interferindo no convívio com os filhos, (BRITO *et al.*, 2010, p. 815).

Sentiam-se, assim, exauridos e marcados pelo resto de suas vidas, em uma luta que parecia sem fim. Destacaram, ainda, que, no momento inicial da dissolução conjugal, não ficará claro que, com a decisão, haveria um grande afastamento dos filhos, na medida em que logo após saírem de casa já eram designados como visitas, (BRITO *et al.*, 2010, p. 815).

Alguns pais revelaram que lidar com a rejeição dos filhos referente a eles era extremamente penoso, reconhecendo que faziam grande esforço para não desistir nesse momento. Quanto a esse ponto,

certas mães admitiram que, por vezes, os filhos não se relacionam bem com os pais para agradá-las, (BRITO *et al.*, 2010, p. 815).

As evidências citadas acima deixam claro como a relação entre pais e filhos, permeada por conflitos, durante e após a separação, são marcadas por cansaço, dor e esfriamento dos vínculos. Não obstante, esses elementos observados não resultam numa generalização, mas permite que o leitor leve em consideração todo o contexto em que esta criança esteja envolvida.

O convívio com o genitor pode se tornar mais difícil quando as brigas entre os ex- casal permanecem por questões de pensão alimentícia, cobranças, partilha de bens, a educação dos filhos e até mesmo pela ausência de uma das figuras materna ou paterna. Portanto, embora a literatura aponte a exaustão da família durante e após o processo de divórcio, por outro lado, percebe-se que os autores tendenciam a ideia de que a ruptura não seja um problema de difícil solução, mas um horizonte de possibilidades quando o ex-casal se propõem a fazer dessa ruptura apenas um processo de ambientação, onde o elo de amor com os filhos se fortalece mesmo quando os pais já não estejam mais juntos.

3.4. Necessidade de Intervenção de um profissional de Saúde

Durante o processo de separação algumas famílias buscam auxílio profissional para o enfrentamento à nova realidade. Essa fase de adaptação com ajuda de um profissional de saúde e terapia familiar é apresentado nos estudos como fator preponderante para resultados positivos. A terapia contribui para os casos encaminhados à Vara de Família e Juizados Especiais. Neto *et al.*, (2015) traz o seguinte relato: Tem-se que

Recorri à TF em busca de uma forma mais adequada de evitar o prosseguimento da alienação parental praticada pela mãe das minhas filhas. Pretendia reconquistar o relacionamento com as meninas de uma forma menos traumática do que o cumprimento de uma decisão judicial. Espero que a terapia ajude a restaurar a convivência com as meninas e a mãe delas de uma forma tranquila e efetiva, (NETO *et al.*, 2015, p. 66).

Para esses autores, a terapia familiar se apresenta como uma das alternativas mais recomendadas por profissionais que atuam com famílias em conflito, e faz parte das providências contidas na lei nº 12.318/10 o

encaminhamento para tratamento com o objetivo de reverter essas situações. Afirmam que se configura como uma alternativa excelente e que vem gerando bons frutos contra a alienação parental. O diagnóstico de um profissional trará mais precisão ao que ao objetivo que se pretende alcançar, assim

Os casos de alienação, a criança necessita de ajuda para “recordar-se” dos fatos. Além disso, seus cenários têm menos credibilidade, carecendo de detalhes e sendo contraditórios entre os irmãos. Quando interrogados sem a presença do genitor alienador, frequentemente os filhos dão versões diferentes. Se estiverem juntos, é constatado mais olhares entre eles do que em vítimas de abuso real, (NETO *et al.*, 2015, p. 74).

A intervenção do profissional de saúde tem se evidenciado com o aumento do número de divórcio e separação, acompanhado da necessidade que estas pessoas têm sentido de recorrer aos profissionais de saúde mental, pois é. “[...] sem dúvida que uma abordagem dessa natureza pode assumir um poder multiplicador, prevenindo também outros agravamentos à saúde e minimizando difíceis e graves consequências à saúde até à vida adulta” (MARTINS, 2010, p. 29).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O divórcio, conforme discutido, é um processo considerado na literatura científica como algo doloroso e impactante, capaz de mudar a vida social, o desempenho escolar, as emoções e a conduta de uma criança e adolescente. É natural que os filhos venham a questionar as mudanças decorrentes deste fenômeno, como por exemplo, com quem irá morar, o que irá acontecer além de muitos outros questionamentos, medos e inseguranças. No entanto, é visto como um processo que deve ser esclarecido de forma honesta aos filhos, compreendido e vivido. O comportamento dos pais aliados à ajuda de um profissional mostra-se fundamental para a sua superação.

Percebe-se que embora a literatura aponte para o divórcio como uma situação prejudicial, também é refutada a ideia de criar estereótipos de crianças, filhos de pais separados, como “crianças eternamente infelizes” ou “futuros adultos difíceis”.

Compreende-se que a ideia do divórcio como uma “catástrofe” parece estar enraizada, algo cultural, difícil de ser desarraigada. No entanto, percebe-se que o divórcio também pode ser uma decisão assertiva, capaz de resguardar os filhos das disfunções familiares, dando-lhes a oportunidade de seguir o seu caminho sem consequências permanentes. Aos pais, cabe manter um vínculo afetivo com os filhos independente da relação com ex-cônjuge. Também podem manter um relacionamento respeitoso e amigável com o ex- parceiro (a), para que os filhos não se sintam culpados pela separação.

Concluimos que cada faixa etária reage diferente durante este processo de separação, pois quando os filhos estão mais novos seu cérebro ainda não está totalmente formado, de maneira que não possuem maturidade para compreender este acontecimento. No entanto, nem todas as famílias têm condições de arcar com os custos de um acompanhamento psicológico, e a existência destes serviços gratuitos ainda é um desafio para quem precisa, tendo em vista a burocracia para conseguir vagas e a carência de divulgação dos locais que oferecem este tipo de atendimento.

REFERÊNCIAS

BRITO, Leila Maria Torraca de; CARDOSO, Andréia Ribeiro; OLIVEIRA, Juliane Dominoni Gomes de. **Debates entre pais e mães divorciados: um trabalho com grupos**. *Psicol. Cienc. prof.* [online]. 2010, vol.30, n.4, pp.810-823. ISSN 1414-9893. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000400011>. Acesso em: 14 de abr. 2021.

CARVALHO, Fernanda Cristina Gomes de; PAIVA, Maria Lucia de Souza Campos. **O olhar de três gerações de mulheres a respeito do casamento**. *Bol. psicol, São Paulo*, v. 59, n. 131, p. 223- 235, dez. 2009.

Disponível

em:http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000659432009000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 de ago. 2021.

MALUF, Adriana Caldas do Rego Freitas Dabus. **Novas modalidades de família na pós- modernidade**. 2010. Tese (Doutorado em Direito Civil) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: doi:10.11606/T.2.2010.tde-31012011-154418. Acesso em: 14 de abr. 2021.

MARTINS, Ana Isabel Rodrigues. **Impacto do divórcio parental no comportamento dos filhos. Factores que contribuem para uma melhor adaptação. Implicações Médico-legais**. Tese de Mestrado. (2010). Porto. Instituto de Ciências Biomédicas Abel

Salazar. ICBAS. Disponível em: Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/26364>. Acesso em: 14 de abr. 2021

NETO, Álvaro de Oliveira; QUEIROZ, Maria Emília Miranda de; CALÇADA, Andreia. **Alienação parental e família contemporânea: um estudo psicossocial. Coordenação: Maria Quitéria Lustosa e Sousa.** Recife: FBV, Devry, 2015.
Disponível em:
http://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/alienacao_parental/alienacao_parental_e_familia_conte_mporanea_vol2.pdf. Acesso em: 14 de abr. 2021

OLIVEIRA, Fábio Seabra. **O divórcio. Evolução histórica e controvérsias do divórcio.** São Paulo, 2014. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/35132/o-divorcio>. Acesso em: 29 de ago. 2021.

Portal Educação. **Como a criança era vista e tratada desde a época medieval até o século XX?**. São Paulo, 2020?.
Disponível em:
<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/como-a-crianca-era-vista-e-tratada-desde-a-epoca-medieva-ate-o-seculo-xx/26547>. Acesso em: 31 de Ago. 2021

RAPOSO, Hélder Silva; FIGUEIREDO, Barbara Fernandes de Carvalho; LAMELA, Diogo Jorge Pereira do Vale; NUNES-COSTA, Rui Alexandre; CASTRO, Maria Conceição; PREGO, Joana. **Ajustamento da Criança à separação ou divórcio dos pais.** Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo) [online]. 2011, v. 38, n. 1. pp. 29-33.
Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-60832011000100007>>. Epub 14 Abr 2011. ISSN 1806-938X.
<https://doi.org/10.1590/S0101-60832011000100007>. Acesso em: 29 de set. 2021.

SILVA, Nancy Capretz Batista da; NUNES, Célia Cristina; BETTI, Michelle Cristine Mazzeto; RIOS, Karyne de Souza Augusto. **Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil.** Temas psicol. [online]. 2008, vol.16, n.2, pp. 215-229. ISSN 1413-389X.
Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2008000200006.
Acesso em: 14 de abr. 2021.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. **A Pesquisa Bibliográfica: Princípios e Fundamento.** Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83/2021.
Disponível em:
<http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/2336> Acesso em: 29 de set. 2021